

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE  
SÃO PAULO – CAMPUS SERTÃOZINHO

Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica

Raquel Aparecida Roque de Barros Pinto

**INTEGRAÇÃO CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:  
uma proposta de Formação de Professores**

Sertãozinho/SP

2019

Raquel Aparecida Roque de Barros Pinto

**INTEGRAÇÃO CURRICULAR NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO:  
uma proposta de Formação de Professores**

Produto Educacional apresentado ao Instituto Federal de São Paulo  
como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em  
Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Cristina Perlotti Piunti

Sertãozinho/SP

2019

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>   | 3  |
| <b>1. ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Integração Curricular no EMI.....</b>  | 5  |
| <b>1.2. Prática Social Inicial do Conteúdo.....</b>   | 6  |
| 1.2.3 Vivência cotidiana do conteúdo .....  | 6  |
| 1.2.2 Apresentação dos objetivos da proposta de formação .....  | 7  |
| <b>1.3. Problematização.....</b>  | 7  |
| 1.3.1. Discussão sobre os problemas significativos que envolvem o Ensino Médio Integrado e a materialização da proposta do currículo integrado. ..... | 7  |
| 1.3.2 Dimensões do conteúdo.....  | 8  |
| <b>1.4. Instrumentalização.....</b>   | 10 |
| 1.4.1 Introdução ao processo de instrumentalização:.....  | 10 |
| 1.4. 2 Exposição Oral – tema: Formação Omnilateral.....   | 11 |
| 1.4.3 Estudo Dirigido .....   | 12 |
| <b>1.5 Catarse: síntese mental parcial dos participantes.....</b>   | 12 |
| <b>1.6 Instrumentalização .....</b>   | 12 |
| 1.6.1 Retomada dos temas já trabalhados.....  | 12 |
| 1.6.2 Exposição oral: O trabalho como princípio educativo no EMI: de que trabalho estamos falando? .....  | 13 |
| 1.6.3 Leitura e dinâmica “Painel Integrado”.....  | 13 |
| 1.6.4. Socialização (síntese mental parcial) .....  | 13 |
| 1.6.5. Contato com experiências práticas .....  | 14 |
| <b>1.7. Catarse (síntese mental “final” dos participantes) .....</b>  | 14 |
| <b>1. 8. Prática Social Final.....</b>  | 15 |
| 1.8.1 Roda de Conversa .....  | 15 |
| <b>1.9. Encerramento do encontro .....</b>  | 15 |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | 17 |
| <b>APÊNDICE A – Material de apoio para estudo dirigido .....</b>  | 19 |
| <b>APÊNDICE B – Material para atividade de leitura e dinâmica do “Painel Integrado” .....</b>   | 21 |

## INTRODUÇÃO

Este produto educacional visa contribuir com a formação continuada de professores do Ensino Médio Integrado (EMI), propondo uma atividade formativa voltada para a construção de projetos e práticas de integração curricular que contemplem o trabalho como um princípio educativo.

Trata-se de uma sugestão de roteiro para elaboração de um Encontro com Professores do EMI, organizado sob a noção de práxis e estruturado através dos fundamentos da Pedagogia Histórico-Crítica. Entre seu público alvo, encontram-se professores já atuantes na EPT, bacharéis e licenciados que tenham interesse em atuar na modalidade, bem como educadores do Ensino Médio regular preocupados em atribuir um sentido formativo e emancipatório às relações entre trabalho e educação travadas cotidianamente no espaço escolar.

A proposta aqui apresentada compõe a dissertação de mestrado da mesma autora; e seu desenvolvimento requer, por parte daqueles que desejem implementá-la, afinidade com a proposta do currículo integrado e familiaridade com a Pedagogia Histórico-Crítica. Desse modo, sugerimos a leitura dos textos de Saviani (1987; 2013), Gasparin (2012) e Marsiglia, Martins e Lavoura (2019) com o intuito de subsidiar sua realização.

Esta proposta de formação de professores organiza-se a partir do que Gasparin (2012) definiu como “uma didática histórico-crítica”. Desse modo, se estrutura em cinco fases<sup>1</sup>, que, apesar de descritas separadamente, estabelecem relações durante todo o percurso de formação.

Os objetivos principais do Encontro são descritos no item “Prática Social do Conteúdo”. Convém esclarecer que tais objetivos foram traçados na perspectiva de introdução ao tema e deverão ser readequados de acordo com as demandas do grupo e instituições participantes. Do mesmo modo, as referências indicadas em cada tópico poderão ser alteradas de acordo com a relação que os sujeitos já estabelecem com o currículo integrado, bem como as questões propostas na fase da problematização. O mesmo pode ser dito em relação à duração das atividades: sua organização deve atender às demandas de cada instituição e grupo em formação<sup>2</sup>.

Assim, o presente roteiro visa orientar o desenvolvimento de atividades formativas que busquem contemplar o tema da integração curricular de forma contextualizada, articulando os

---

<sup>1</sup> O percurso é composto por: Prática Social Inicial; Problematização; Instrumentalização; Catarse e Prática Social Final.

<sup>2</sup> Este roteiro originou um Encontro de Formação de Professores com duração de 5h (dividido em duas etapas de 2h30). No entanto, sua reprodução pode atender diferentes formatos e demandas de formação. Como assinalamos no texto, são as necessidades e características do grupo de participantes que devem determinar a duração das atividades.

elementos políticos e pedagógicos requeridos pela integração de conteúdos e disciplinas no Ensino Médio Integrado (EMI). Não se trata de um roteiro “estanque” e pré-determinado; ao contrário, a proposta de formação aqui apresentada busca constituir-se em ponto de partida para novas ações e reflexões sobre a formação continuada de professores e demais educadores ligados ao EMI. Tais ações devem transcender a lógica da capacitação e do treinamento desses profissionais, oportunizando a apropriação das bases conceituais que estruturam a Educação Profissional e Tecnológica (EPT); reflexões sobre a função social da EPT e seu potencial emancipatório; e o desenvolvimento de práticas pedagógicas que assumam o trabalho como um princípio educativo.

## 1. ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES: Integração Curricular no EMI

A proposta de formação que apresentamos, originou um Encontro que contempla cinco fases inspiradas na Pedagogia Histórico-Crítica, como registrado no quadro a seguir:

**Quadro 1 – Organização do “Encontro de Formação de Professores”**

| <b>PRÁTICA SOCIAL INICIAL DO CONTEÚDO</b>  |   |   |
|--|---|---|
| <b>Definição</b>   | <b>Ação</b>   | <b>Conteúdos</b>  |
| Expressa a visão da totalidade empírica do sujeito ou grupo em formação e revela seus interesses de aprendizagem (SAVIANI, 1987)   | Dinâmica: “A Teia”  | Percepções dos educadores sobre o currículo integrado e a concepção de formação omnilateral;  |
| <b>PROBLEMATIZAÇÃO</b>   |   |   |
| <b>Definição</b>   | <b>Ação</b>   | <b>Conteúdos</b>  |
| Identifica os problemas colocados pela prática social dos sujeitos em formação no âmbito do tema em estudo. Permite detectar quais conhecimentos e conteúdos devem ser alvo de aprofundamento. (SAVIANI, 1987; GASPARIN, 2012) | Roda de conversa mediada  | Discussão sobre os problemas que perpassam o Ensino Médio Integrado e a materialização da proposta do currículo integrado nas dimensões: Conceitual; Histórica; Pedagógica; Operacional e Ético-Política. |
| <b>INSTRUMENTALIZAÇÃO</b>  |   |   |
| <b>Definição</b>   | <b>Ação</b>   | <b>Conteúdos</b>  |
| É o momento em que o sujeito em formação se apropria dos conteúdos e conceitos que regem o tema em estudo. (SAVIANI, 1987)   | Exposição oral dialogada, leitura de textos e estudo dirigido                                     | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação omnilateral</li> <li>• O trabalho como princípio educativo</li> <li>• Politecnia</li> <li>• Integração curricular</li> </ul>                            |
| <b>CATARSE</b>   |   |   |
| <b>Definição</b>   | <b>Ações</b>  | <b>Conteúdos</b>  |
| Representa a síntese mental obtida pelos sujeitos através processo de formação. (GASPARIN, 2012)   | Resposta às questões do estudo dirigido; Confecção de planos de integração curricular (em grupos) | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação omnilateral</li> <li>• O trabalho como princípio educativo</li> <li>• Politecnia</li> <li>• Integração curricular</li> </ul>                            |
| <b>PRÁTICA SOCIAL FINAL</b>  |   |   |
| <b>Definição</b>   | <b>Ação</b>   | <b>Conteúdos</b>  |
| Manifesta a nova postura dos sujeitos mediante o conteúdo apreendido. Esse movimento contempla também a intenção e o compromisso de agregar a aprendizagem obtida à sua prática. (SAVIANI, 1987; GASPARIN, 2012)               | Exposição dos planos de integração curricular   | Integração curricular no EMI.   |

Fonte: PINTO (2019)

A descrição de cada fase é feita de forma detalhada em cada um dos itens deste roteiro.

## **1.2. Prática Social Inicial do Conteúdo**

Objetivo geral: Refletir sobre a proposta do Currículo Integrado à luz dos conceitos de formação omnilateral, trabalho como princípio educativo e politecnia para projetar uma ação pedagógica que contemple a formação humana e profissional em sua totalidade.

Tópicos do conteúdo e objetivos específicos:

### **Tópico 1 - Formação Omnilateral**

Objetivo específico: conceituar a omnilateralidade e distingui-la dos projetos educativos unilaterais, a fim de desenvolver uma compreensão ampla das demandas de formação profissional, bem como organizar/desenvolver uma prática pedagógica na perspectiva da totalidade.

### **Tópico 2 - Currículo Integrado**

Objetivo específico: conhecer e contextualizar a proposta pedagógica do currículo integrado para identificar as demandas com que ela se compromete, suas potencialidades de intervenção no meio social e os desafios e contradições que permeiam sua concretização.

### **Tópico 3 - Educação Politécnica**

Objetivo específico: apreender o sentido da educação politécnica, de modo a projetar uma ação pedagógica que articule os conhecimentos científicos à prática produtiva e ao mundo do trabalho.

### **Tópico 4 - Trabalho como princípio educativo**

Objetivo específico: compreender o trabalho como princípio educativo, a fim de adotá-lo como eixo estruturante dos conteúdos escolares.

#### **1.2.1 Vivência cotidiana do conteúdo**

(o que o sujeito já sabe/gostaria de saber)

As percepções iniciais do grupo acerca da proposta do currículo integrado, bem como suas compreensões acerca do papel de suas disciplinas no desenvolvimento de um processo formativo integral, poderão ser expressas através de uma dinâmica.

→ Sugere-se que a atividade tenha caráter relacional e permita aos integrantes confrontarem suas experiências e percepções. Como no exemplo:

#### DINÂMICA: A TEIA

Tempo estimado: 30 minutos

Materiais: barbante

Desenvolvimento: Propor a organização de um círculo. Um educador recebe o novelo de barbante, se apresenta e responde à seguinte questão: “Como você acredita que a sua disciplina (e os conteúdos que a compõe) podem colaborar com o processo de formação integral (profissional, propedêutica, humana) do estudante da EPT?”. Em seguida, o novelo deve ser arremessado para outro participante, que também responderá ao questionamento – e assim sucessivamente até que todos tenham participado. Ao fim das exposições, tem-se construída uma teia que representa – de forma genérica – a noção de formação omnilateral. Esse será o ponto de partida para o aprofundamento do conceito de omnilateralidade, bem como para as reflexões sobre o perfil de estudante egresso que se almeja na proposta pedagógica do currículo integrado.

→ Nesse momento, é importante que ocorram mediações que relacionem as falas dos participantes com os conceitos que estruturam a proposta do currículo integrado.

#### 1.2.2 Apresentação dos objetivos da proposta de formação

Após a troca de experiências entre os participantes, os tópicos e objetivos da proposta de formação devem ser apresentadas ao grupo. O responsável pela condução do processo formativo poderá relacionar a experiência anterior com os objetivos da formação, com o intuito de despertar o interesse do grupo pela temática.

Essa exposição poderá ser mediada por recursos como: apresentações de slides; mapas mentais; esquema em tópicos - em material impresso; dentre outros.

### **1.3. Problematização**

#### 1.3.1. Discussão sobre os problemas significativos que envolvem o Ensino Médio Integrado e a materialização da proposta do currículo integrado.

- Por que integrar os conteúdos no processo de formação profissional do estudante do ensino médio?
- Qual o papel do(s) educador(es) na efetivação do currículo integrado?
- Quais as dificuldades didáticas enfrentadas pelos educadores na materialização da integração curricular?
- Como os estudantes encaram a possibilidade de estudar os conteúdos num modelo que reúne/integra diferentes disciplinas?
- O trabalho é finalidade ou caminho no processo de formação integral do estudante?
- A proposta do currículo integrado é uma proposta política? Com o que e com quem se compromete?

### 1.3.2 Dimensões do conteúdo

Conceitual: O que é formação omnilateral? O que é politecnia? O que é a compreensão do trabalho como princípio educativo? Em que a proposta de integração curricular se distingue da noção de interdisciplinaridade?

Histórica: Como o ensino médio e a educação profissional se estruturaram ao longo da história da educação brasileira? A formação omnilateral sempre foi tomada como uma finalidade/possibilidade da educação escolar? Que fatores históricos tornam necessária a defesa de um currículo integrado no ensino médio?

Pedagógica: Integrar os conteúdos contribui com o processo de aprendizagem dos estudantes? Que desafios se impõe aos educadores nessa perspectiva?

Operacional: Como integrar os conteúdos? Como assumir o trabalho como um princípio educativo?

Ético-política: A proposta do currículo integrado coaduna-se com o ideal de uma educação de qualidade para todos? Qual a concepção de educação e de sociedade que embasa essa proposta/discussão educacional? Com que grupos sociais o EMI e essa proposta de EPT se comprometem? O desenvolvimento da proposta demanda o compromisso político do educador?

→ Sugere-se que o processo de problematização perpasse outras esferas do percurso formativo. Assim, as questões podem estar presentes na etapa inicial, de desvelamento da Prática Social do Conteúdo, como também integrar-se à fase de Instrumentalização.

### 1.3.3 Sugestão de atividade para problematização

#### RODA DE CONVERSA MEDIADA:

Tempo estimado: 15 minutos

Como ponto de partida para o processo de problematização, serão apresentados trechos de textos dos autores Dante Moura, Marise Ramos e Paolo Nosella em que são destacados o papel dos educadores no contexto do Ensino Médio Integrado. (Cabe destacar que o trecho do autor Paolo Nosella não se refere ao EMI, e sim, a uma perspectiva de formação integral do estudante).

Os participantes deverão fazer o levantamento de questões e problemas que envolvem o desenvolvimento dessa proposta. Tais questões serão expostas ao grupo e registradas pelo sujeito ou equipe responsável pela condução do processo de formação e, posteriormente, organizadas dentro das dimensões que abarcam a discussão do tema nesse encontro.

As questões formuladas no ato de planejamento do Encontro deverão ser expostas ao grupo no encerramento da roda de conversa.

#### *Sugestões de trechos de textos para problematização*

##### **Trecho 1**

“São várias as possibilidades de organização dos currículos dos cursos técnicos integrados. Assim, é muito importante que cada sistema de ensino, apoiado na participação coletiva dos sujeitos envolvidos e nas teorias educacionais busque a respectiva solução, pois ninguém mais do que o próprio grupo, o próprio coletivo conhece a sua realidade e, portanto, está mais habilitado para tomar decisões a respeito do currículo que vai levar à prática” (MOURA, 2017, p.26).

MOURA, Dante Henrique. **Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica:** dualidade histórica e perspectivas de integração. HOLOS, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2008. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>>. Acesso em: 07 nov. 2017

### Trecho 2

“As transformações do processo produtivo colocam novos desafios aos educadores que atuam no ensino técnico, quer para reformar os currículos e planos de ensino, quer para aplicar nova metodologia didática. O grande desafio para esses educadores hoje é, portanto, transformar o processo de ensino aprendizagem das escolas técnicas enfatizando o desenvolvimento da capacidade de criar, coletar e utilizar a informação disponível, mas também apoiando o processo de auto-organização dos estudantes e, sobretudo, fortalecendo o pensamento crítico” (NOSELLA, 2016, p.24).

NOSELLA, Paolo. O Ensino de 2º Grau. In: NOSELLA, Paolo. **Ensino Médio: à luz do pensamento de Gramsci**. Campinas, SP: Alínea. 2016.

### Trecho 3

“Salientamos que a integração de conhecimentos no currículo depende de uma postura nossa, cada qual de seu lugar; o professor de Química, de Matemática, de História, de Língua Portuguesa etc. podem tentar pensar em sua atuação não somente como professores da formação geral, mas também da formação profissional, desde que se conceba o processo de produção das respectivas áreas profissionais na perspectiva da totalidade” (RAMOS, 2017, p.19).

RAMOS, Marise. **A Concepção de Ensino Médio Integrado**. 2008. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/concepcaodoensinomediointegrado5.pdf>> Acesso em: 03/02/2017. p.19

## 1.4. Instrumentalização

- ✓ Ações: exposição oral dialogada; leitura de textos e estudo dirigido
- ✓ Recursos: textos sobre o tema; slides pré-confeccionados para o encontro; materiais de apoio (como listas de tópicos com os conteúdos e temas a serem abordados); dentre outros.

### 1.4.1 Introdução ao processo de instrumentalização:

Leitura de texto literário de Rubem Alves

Tempo estimado: 5 minutos

### O que é uma teoria?

Teorias são óculos feitos com palavras para ajudar os olhos a ver o que normalmente não vêem. Os olhos vêem o mundo de um jeito. Usando os óculos da teoria a gente passa a ver o mundo de uma maneira diferente. Olhando para o céus, sozinhos, os olhos, vêem o sol e os céus estrelados girando em torno da terra plana, parada e imóvel. Usando os óculos da teoria eles vêem o contrário: uma terra redonda girando como um pião. Não são os céus que giram; é a terra. Os olhos nos dizem que a tendência de todo movimento é o repouso. Tudo o que se movimenta pára: o pêndulo pára, a bola que o jogador chuta pára, a flecha que o arqueiro lança pára. Pondo os óculos da teoria que Galileu construiu, chamada "princípio da inércia", a gente vê o contrário: a tendência de todo movimento é continuar em movimento, indefinidamente. Olhando para os animais a gente vê aquela variedade fantástica de formas vivas, todas prontas. Pondo os óculos da teoria da evolução todas essas formas vivas aparecem interligadas, umas saindo de dentro das outras. As teorias surgem quando a gente começa a desconfiar dos olhos. Elas são inventadas para a gente ver aquilo que os olhos não vêem.

ALVES, Rubens. Sobre peixinhos e tubarões. **Correio Popular**, 30 de jan.2000, p.6 – C. Disponível em: <<http://www.priory.com/psych/rub0200.htm>>. Acesso em 09/09/2017

#### 1.4. 2 Exposição Oral – tema: Formação Omnilateral

Tempo estimado: 10 minutos

→ Sugere-se que a apresentação oral do tema “Formação Omnilateral” resgate elementos que possam ter aparecido na dinâmica inicial da atividade formativa. A confecção de slides, materiais impressos e/ou de outros recursos pode contribuir para a apreensão do conteúdo pelos participantes.

#### Sugestões de Referências para abordar o tema:

FRIGOTO, G. Da “unilateralidade polivalente” à luta pela “omnilateralidade politécnica”. In: FRIGOTO, G. Trabalho-educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica. **Revista Educação e Realidade**. v.14, n.1, janeiro/junho de 1989.

MANACORDA, M.A. O Homem Omnilateral. In: **MANACORDA, M.A. Marx e a Pedagogia Moderna**. Campinas, SP: Alínea. 2010. p.83-94

### 1.4.3 Estudo Dirigido

Tempo estimado: 30 minutos

Leitura de trecho de artigo de Marise Ramos

Organizados em grupos de 4 ou 5 integrantes, os participantes do encontro realizarão a leitura do texto e responderão questões propostas.

Sugestão de texto base:

RAMOS, M. O primeiro sentido da integração: a formação omnilateral. In: RAMOS, M. A **Concepção de Ensino Médio Integrado**. 2008. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/concepcaodenomediointegrado5.pdf>> Acesso em: 03/02/ 2017.

*\*texto base e questões disponíveis no apêndice*

### **1.5 Catarse: síntese mental parcial dos participantes**

Tempo estimado: 20 minutos

As respostas às questões propostas no estudo dirigido deverão ser compiladas pelos grupos (em pequenos cartazes) e expostas numa nova roda de conversa. A partir desse processo, espera-se obter uma síntese mental dos participantes acerca dos temas abordados até este momento do encontro.

Materiais: folhas de papel A3; canetas; lápis e borracha.

### **1.6 Instrumentalização**

- ✓ Retomada dos temas e conceitos já abordados;  
→ Nesse momento também serão retomadas as questões da problematização.
- ✓ Exposição oral dialogada sobre o tema “Trabalho como princípio educativo”;
- ✓ Leitura de textos;
- ✓ Dinâmica de estudo: painel integrado.

#### 1.6.1 Retomada dos temas já trabalhados

Tempo estimado: 10 minutos

Relembrar com o grupo as discussões realizadas até o momento, dando ênfase aos conceitos explorados e aos itens levantados no momento da problematização.

### 1.6.2 Exposição oral: O trabalho como princípio educativo no EMI: de que trabalho estamos falando?

Tempo estimado: 15 minutos

→ Sugere-se que a apresentação oral do tema “Trabalho como princípio educativo” resgate elementos que possam ter aparecido nas atividades anteriores do percurso formativo. A confecção de slides, materiais impressos e/ou de outros recursos pode contribuir para a apreensão do conteúdo pelos participantes.

Sugestões de referências para abordar o tema:

NOSELLA, Paolo. O Ensino de 2º Grau. In: NOSELLA, Paolo. **Ensino Médio: à luz do pensamento de Gramsci**. Campinas, SP: Alínea. 2016.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino Médio Integrado: concepção de contradições**. São Paulo: Cortez, 2012.

### 1.6.3 Leitura e dinâmica “Painel Integrado”

Tempo estimado: 30 minutos

Organizados em grupos, os participantes realizarão a leitura de textos e recortes de textos que abordam a temática da educação política e do trabalho como um princípio educativo. Após a leitura, os participantes realizarão a dinâmica do “painel integrado”. Na qual os leitores de textos distintos são reunidos para partilhar suas percepções da leitura (sob o comando da mediadora do encontro e com o direcionamento de questões). Ao fim da atividade, os participantes produzirão uma síntese dos textos lidos e da exposição realizada anteriormente.

Sugestões de textos para atividade:

SAVIANI, Demeval. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, Mar. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27/09/2017.

\**texto base e questões disponíveis no apêndice*

### 1.6.4. Socialização (síntese mental parcial)

Tempo estimado: 15 minutos

Exposição das sínteses geradas pelos participantes.

Sugere-se que os participantes exponham suas respostas as questões.

#### 1.6.5. Contato com experiências práticas

Tempo estimado: 15 minutos

Para além do contato com os estudos teóricos, é importante que os participantes acessem exemplos de práticas pedagógicas que contemplam a perspectiva do currículo integrado e da politécnica.

→ Recortes do vídeo: “Vocacional: uma aventura humana” de Toni Venturi<sup>3</sup>

#### **1.7. Catarse (síntese mental “final” dos participantes)**

Tempo estimado: 40 minutos

Nesse momento, os participantes, organizados em grupos, irão confeccionar planos de integração curricular tendo como contexto de desenvolvimento o EMI.

A organização dos planos poderá ser realizada como no esquema a seguir:

|   |
|---|
| <b>Tema de estudo</b><br>( <i>O que será estudado?</i> )  |
| <b>Disciplinas e Dimensões do conteúdo</b><br>( <i>Que áreas e abordagens são necessárias para a compreensão plena desse conteúdo?</i> )  |
| <b>O trabalho como um princípio educativo</b><br>( <i>Como as dimensões apontadas no item anterior contribuem com a compreensão plena do tema em estudo? Que relações estabelecem com o trabalho produtivo/ mundo do trabalho/ intervenção humana na realidade?</i> ) |
| <b>Ações e práticas pedagógicas</b><br>( <i>Que ações e práticas pedagógicas serão desenvolvidas? Como serão desenvolvidas</i> )  |

(continua)

<sup>3</sup> O vídeo completo está disponível em: <<https://youtu.be/ircyREuDr9Y>>. A seleção de trechos considerou relatos de estudantes e professores sobre a prática pedagógica desenvolvida na instituição. As experiências dos ginásios vocacionais em São Paulo se aproximam do ideal de educação politécnica.

### Compreensão do conteúdo

(O que se espera que o estudante aprenda com esse processo?)

Elaborado pela autora.

#### 1. 8. Prática Social Final

- ✓ Exposição dos planos de trabalho;
- ✓ Avaliação pelos pares das propostas construídas e do encontro como um todo;
- ✓ Levantamento de (possíveis) situações problema que tenham sido identificadas pelo grupo (demandas para novos processos de formação).

##### 1.8.1 Roda de Conversa

Tempo estimado: 20 minutos

Cada grupo irá expor sua proposta de trabalho. A cada exposição o sujeito ou equipe responsável pela condução do processo de formação poderá fazer mediações, valorizando os pontos que correspondem a proposta do currículo integrado e da formação omnilateral. Ao fim das exposições os participantes também poderão tecer suas considerações.

É possível que novas indagações, relativas à prática pedagógica dos participantes, surjam no processo de exposição dos projetos e planos apresentados. Tais questões serão registrados e apontados como demandas para novos processos de formação de professores do EMI e da EPT.

➔ *Espera-se que nesse momento os educadores expressem sua compreensão da integração curricular, numa abordagem que reúne diversas disciplinas e dimensões, e também contempla o princípio educativo do trabalho.*

#### 1.9. Encerramento do encontro

Tempo previsto: 15 minutos

- ✓ Avaliação
- ✓ Mensagem

- Sugerimos que a avaliação do encontro seja elaborada com o intuito de identificar as contribuições das atividades propostas para a prática educativa dos participantes, visando também levantar novas demandas de formação.

Como mensagem de encerramento, sugerimos o seguinte poema de Manoel de Barros:

### **Retrato do artista quando coisa**

Manoel de Barros

A maior riqueza do homem  
é a sua incompletude.  
Nesse ponto sou abastado.  
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.

Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,  
que puxa válvulas, que olha o relógio,  
que compra pão às 6 horas da tarde,  
que vai lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.

Perdoai,  
Mas eu preciso ser Outros.  
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubens. Sobre peixinhos e tubarões. **Correio Popular**, 30 de jan.2000, p.6–C. Disponível em: <<http://www.priory.com/psych/rub0200.htm>>. Acesso em 09/09/2017.
- BARROS, M. Retrato do artista quando coisa. Cultura FM, 17 de nov. 2014. Disponível em: <<http://culturafm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/manoel-de-barros-retrato-do-artista-quando-coisa>>. Acesso em: 07/09/2017.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Concepções e Mudanças no Mundo do Trabalho e o Ensino Médio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). **Ensino Médio Integrado**: concepção de contradições. São Paulo: Cortez, 2012.
- FRIGOTO, G. Da “unilateralidade polivalente” à luta pela “omnilateralidade politécnica”. In: FRIGOTO, G. Trabalho-educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica. **Revista Educação e Realidade**. v.14, n.1, janeiro/junho de 1989.
- GASPARIN, J.L. **Uma didática para a Pedagoga Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
- MANACORDA, M.A. O Homem Omnilateral. In: **MANACORDA, M.A. Marx e a Pedagogia Moderna**. Campinas, SP: Alínea. 2010. p.83-94.
- MARSIGLIA, A.C.G; MARTINS, L.M; LAVOURA, T.N. Rumo à outra Didática Histórico-Crítica: superando imediatismos, logicismos formais e outros reducionismos do método dialético. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, SP v.19 1-28. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8653380>>. Acesso em: 20/08/2019.
- MOURA, D. H. Educação Básica e Educação Profissional e Tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **HOLOS**, [S.l.], v. 2, p. 4-30, mar. 2008. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>>. Acesso em: 07 nov. 2017.
- NOSELLA, P. **Ensino Médio**: à luz do pensamento de Gramsci. Campinas, SP: Alínea. 2016.
- SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.
- SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da politecnia. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, Mar. 2003 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27/09/2017.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1987.
- RAMOS, M. **A Concepção de Ensino Médio Integrado**. 2008. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/concepcaoensinomedio integrado5.pdf>> Acesso em: 03/02/2017. p.19.

PINTO, R.A.R.B. **Integração Curricular e Formação de Professores:** limites e possibilidades. 2019. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Sertãozinho, 2019.

**VOCACIONAL:** uma aventura humana. Direção: Toni Venturi. São Paulo: Olhar Imaginário; Mamute Filmes. 2011. Documentário (78 min.).

## APÊNDICE A – Material de apoio para estudo dirigido

### Texto

#### O 1º sentido da integração: a formação omnilateral

Marise Ramos

O primeiro sentido que atribuímos à integração é filosófico. Ele expressa uma concepção de formação humana, com base na integração de todas as dimensões da vida no processo formativo. O primeiro sentido da integração ainda não considera a forma ou se a formação é geral ou profissionalizante. O primeiro sentido da integração pode orientar tanto a educação básica quanto a educação superior. A integração, no primeiro sentido, possibilita formação omnilateral dos sujeitos, pois implica a integração das dimensões fundamentais da vida que estruturam a prática social. Essas dimensões são o trabalho, a ciência e a cultura. O trabalho compreendido como realização humana inerente ao ser (sentido ontológico) e como prática econômica (sentido histórico associado ao respectivo modo de produção); a ciência compreendida como os conhecimentos produzidos pela humanidade que possibilita o contraditório avanço produtivo; e a cultura, que corresponde aos valores éticos e estéticos que orientam as normas de conduta de uma sociedade.

O trabalho, no sentido ontológico, como processo inerente da formação e da realização humana, não é somente a prática econômica de se ganhar a vida vendendo a força de trabalho; antes de o trabalho ser isto – forma específica que se configura na sociedade capitalista – o trabalho é a ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade. Nesse sentido, trabalho não é emprego, não é ação econômica específica. Trabalho é produção, criação, realização humanas. Compreender o trabalho nessa perspectiva é compreender a história da humanidade, as suas lutas e conquistas mediadas pelo conhecimento humano.

Mas o trabalho adquire também um sentido econômico, como forma histórica das relações sociais sob um modo de produção específico. Nas sociedades capitalistas a forma hegemônica do trabalho se dá pela venda e compra da força de trabalho, regulada contratualmente na forma de emprego. Esse sentido estrutura as práticas de profissionalização, de formação profissional como preparação para o exercício do trabalho. Mas esta é somente uma dimensão do trabalho. Precisamos pensar no trabalho como realização humana. A ciência, por sua vez, nada mais é do que os conhecimentos produzidos pela humanidade em processo mediados pelo trabalho, pela ação humana, que se tornam legitimados socialmente como conhecimentos válidos porque explicam a realidade e possibilita a intervenção sobre ela. Portanto, trabalho e ciência formam uma unidade, uma vez que o ser humano foi produzindo conhecimentos à medida que foi interagindo com a realidade, com natureza, e se apropriando. A ação humana é, então, ação produtora de conhecimentos. A ciência vai ter um estatuto específico na modernidade, mas o ser humano produz conhecimentos à medida que enfrenta a realidade e seus problemas, buscando superar necessidades.

A outra dimensão da vida que precisa estar integrada aos processos formativos é a cultura valores e normas que nos orientam e nos conformam como um grupo social. Grupos sociais compartilham valores éticos, morais, simbólicos que organizam a sua ação e a produção estética, artística, etc.

Compreender a relação indissociável entre trabalho, ciência e cultura significa compreender o trabalho como princípio educativo, o que não se confunde com o “aprender fazendo”, nem é sinônimo de formar para o exercício do trabalho. Considerar o trabalho como princípio educativo equivale dizer que o ser humano é produtor de sua realidade e, por isto, se apropria dela e pode transformá-la. Equivale dizer, ainda, que nós somos sujeitos de nossa história e de nossa realidade. Em síntese, o trabalho é a primeira mediação entre o homem e a realidade material e social. O trabalho também se constitui como prática econômica, obviamente porque nós garantimos nossa existência produzindo riquezas e satisfazendo necessidades. Na sociedade moderna a relação econômica vai se tornando fundamento da profissionalização. Mas sob a perspectiva da integração entre trabalho, ciência e cultura, a profissionalização se opõe à simples formação para o mercado de trabalho. Antes, ela incorpora valores ético-políticos e conteúdos históricos e científicos que caracterizam a práxis humana. Portanto, formar profissionalmente não é preparar exclusivamente para o exercício do trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas sócio produtivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas.

Trecho extraído de:

RAMOS, Marise. **A Concepção de Ensino Médio Integrado.** 2008. Disponível em: <<http://fórum.eja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/concepçãoensinomediointegrado5.pdf>> Acesso em: 03/02/2017. p.19

Questões:

- 1) Aponte diferenças entre a proposta de formação do EMI (exposta no texto de Marise Ramos e nas reflexões desenvolvidas no encontro) e outras propostas de educação profissional que você conhece e/ou vivenciou como educador ou como estudante.
- 2) No texto são apontadas algumas dimensões da vida humana que podem compor o processo de formação profissional do Estudante do Ensino Médio Integrado. Quais seriam elas? Defina cada uma delas.

## APÊNDICE B – Material para atividade de leitura e dinâmica do “Painel Integrado”

---

### Trechos do texto: “O Choque Teórico da Politecnia” de Dermeval Saviani

SAVIANI, Dermeval. O Choque Teórico da Politecnia. In: **Revista Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.131-152, Mar. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16/04/2018

---

### GRUPO 1

Pensar o trabalho como “princípio educativo” é tarefa complexa, pois implica desconstruir nossa percepção inicial de que o trabalho se constitui apenas atividade econômica. Historicamente a escola tem se ocupado em “formar para o trabalho”, desconsiderando muitas vezes as possibilidades de gerar aprendizagens através dele. É nesse sentido que Saviani (2003) aponta a existência de relações profundas entre o trabalho e educação escolar.

Pode-se, pois, dizer que o currículo escolar, desde a escola elementar, guia-se pelo princípio do trabalho como o processo através do qual o homem transforma a natureza. Os homens não transformam a natureza individualmente, isoladamente, mas relacionando-se entre si. Sabemos que o indivíduo é um produto histórico tardio, já que o homem se constitui inicialmente como ser gregário, como ser em relação com os outros. Ele só se individualiza no processo histórico e é somente na época moderna, na sociedade capitalista, que surge o indivíduo em contraposição à sociedade.

O homem transforma a natureza ao mesmo tempo em que se relaciona com os outros homens. Essa é a base do currículo da escola elementar. O currículo da escola elementar envolve o conhecimento da natureza porque se o homem, para existir, tem de adaptar a natureza a si, é preciso conhecê-la. Progressivamente, ele vai desenvolvendo formas de identificar como a natureza está constituída, como se comporta, ou, em outros termos, que leis regem a existência e a vida da natureza. Assim, as ciências naturais compõem um bloco do currículo da escola elementar.

Porém, uma vez que, ao produzir a sua existência transformando a natureza, os homens também travam relações entre si e estabelecem normas de convivência, surge a necessidade de se conhecer como os homens se relacionam entre si, quais as normas de convivência que estabelecem, ou seja, como as formas de sociedade se constituem. Surge, então, a necessidade de um outro bloco do currículo da escola elementar que se poderia denominar ciências sociais, em contraposição ao de ciências naturais. No currículo tradicional da escola elementar, o bloco das ciências sociais traduziu-se nas disciplinas história e geografia. A história trata de como os homens se desenvolveram ao longo do tempo e das formas de sociedade constituídas; a geografia, por sua vez, estuda a ocupação do espaço terrestre pelos homens e as formas como eles se distribuem nesse espaço.

Esses conhecimentos que compõem o currículo escolar são chamados de científicos, porque são obtidos por métodos, por processos sistemáticos. E não existe o sistemático, o elaborado, fora de registros escritos. O oral é espontâneo, é assistemático; o sistemático supõe registros escritos e, por

isso, a linguagem da ciência se expressa por escrito. Nós não temos propriamente ciência oral. É claro que temos conhecimentos orais, uma sabedoria oral, mas não propriamente a ciência em função do seu caráter metódico; este envolve a exigência de confronto, de teste, resultando daí a exigência de que isso se faça por escrito. É por isso que, quando se faz a história da ciência, essa história começa com o período em que os códigos de comunicação escrita se sistematizam. Nos primeiros momentos, é uma história daqueles poucos que desenvolviam conhecimento sistemático, trabalho intelectual.

A ciência também diz respeito a uma parcela pequena da humanidade nas formas de sociedade anteriores. Na sociedade moderna é que a Ciência diz respeito ao conjunto da sociedade, porque ela se converte em potência material incorporada ao trabalho socialmente produtivo. O domínio da ciência diz respeito, também, ao conjunto da sociedade, razão pela qual o currículo da escola elementar pressupõe, além dos dois elementos enunciados, os instrumentos de expressão desses conhecimentos, ou seja, o domínio da linguagem escrita. Então, o currículo básico da escola elementar é composto pelo domínio da linguagem, da matemática, das ciências naturais e das ciências sociais.

Vê-se, portanto, que o princípio que orienta, que fundamenta este processo é o trabalho. No ensino fundamental, o trabalho aparece de forma implícita. Nesse nível, o trabalho orienta e determina o caráter do currículo escolar em função da incorporação dessas exigências na vida da sociedade. A escola elementar não precisa, então, fazer referência direta ao processo de trabalho, porque ela se constitui basicamente como um mecanismo, um instrumento, por meio do qual os integrantes da sociedade se apropriam daqueles elementos também instrumentais para a sua inserção efetiva na própria sociedade. Ou seja, aprender a ler, escrever e contar, além dos rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais, constituem pré-requisitos para compreender o mundo em que se vive, inclusive para entender a própria incorporação, pelo trabalho, dos conhecimentos científicos no âmbito da vida e da sociedade.

À medida que o processo escolar se desenvolve, surge a exigência de explicitar os mecanismos que caracterizam o processo de trabalho. Entendo, pois, que o ensino médio deveria já se organizar na forma de uma explicitação da questão do trabalho. Nessa etapa, o trabalho já aparece não apenas como uma condição, como algo que ao constituir, ao determinar a forma da sociedade, determina, por consequência, também o modo como a escola se organiza, operando, pois, como um pressuposto de certa forma implícito. Agora, trata-se de explicitar o modo como o trabalho se desenvolve e está organizado na sociedade moderna. Aí é que entra, então, a questão da politecnia.

A noção de politecnia se encaminha na direção da superação da dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual, entre instrução profissional e instrução geral.

## GRUPO 2

A politecnia defende:

(...) que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Um pressuposto dessa concepção é que não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana como constituída pelo trabalho.

Se o homem se constitui a partir do momento em que age sobre a natureza, adaptando-a a si, ajustando-a às suas necessidades (e ajustar às necessidades significa plasmar a matéria, a realidade, segundo uma intenção, segundo um objetivo, que é antecipado mentalmente), então o exercício da função intelectual já está presente nos trabalhos manuais os mais rudimentares, os mais primitivos. A separação dessas funções é um produto histórico-social e não é absoluta, mas relativa.

Essas manifestações separam por um processo formal, abstrato, em que os elementos dominante mente manuais se sistematizam como tarefa de um determinado grupo da sociedade, ao passo que os elementos dominante mente intelectuais se sistematizam como tarefa específica de um outro grupo da sociedade. Temos, então, o que conhecemos por trabalhadores manuais, por profissões manuais. A sistematização dessas tarefas manuais passa a definir de forma dominante essas profissões, mas não excluem a função intelectual.

O próprio fenômeno da aprendizagem evidencia isso: se o trabalhador pode aprender essas funções, exercer essas atividades, é porque aplica a sua inteligência no domínio desse processo. Inversamente, as funções e as profissões ditas intelectuais têm esse nome porque se organizam tendo como eixo de articulação as funções intelectuais. Mas também não se fazem sem o recurso à prática, à ação manual. É por isso que a ciência não se faz sem manipulação da realidade e não se pensa sem a base da ação. O que a ideia de politecnia tenta trazer é a compreensão desse fenômeno, a captação da contradição que marca a sociedade capitalista, e a direção de sua superação.

## GRUPO 3

Mas então, o que é Politecnia?

Politecnia, literalmente, significaria múltiplas técnicas, multiplicidade de técnicas, e daí o risco de se entender esse conceito como a totalidade das diferentes técnicas fragmentadas, autonomamente consideradas. A proposta de profissionalização do ensino de segundo grau da lei 5692/71 (Brasil, 1971), de uma certa forma, tendia a realizar um inventário das diferentes modalidades de trabalho, das diferentes habilidades, como a lei chama, ou das diferentes especialidades. A escola de segundo grau teria a tarefa de formar profissionais nas diferentes especialidades requeridas pelo mercado de trabalho. E é por isso que, no apêndice do parecer 45/72, listavam-se mais de uma centena de habilidades, e ainda ficava em aberto a possibilidade de se incluírem outras que tinham escapado à argúcia ou à capacidade inventariante dos conselheiros. Os conselhos estaduais também poderiam acrescentar outras habilidades consideradas necessárias nas regiões sob sua jurisdição. Caso se

entendesse a questão nesses termos e se a politecnia fosse o conjunto da totalidade das técnicas disponíveis, haveria uma relação sempre incompleta, sempre sujeita a acréscimo.

A noção de politecnia não tem nada a ver com esse tipo de visão. Politecnia diz respeito ao domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas que caracterizam o processo de trabalho produtivo moderno. Está relacionada aos fundamentos das diferentes modalidades de trabalho e tem como base determinados princípios, determinados fundamentos, que devem ser garantidos pela formação política. Por quê? Supõe-se que, dominando esses fundamentos, esses princípios, o trabalhador está em condições de desenvolver as diferentes modalidades de trabalho, com a compreensão do seu caráter, da sua essência. Não se trata de um trabalhador adestrado para executar com perfeição determinada tarefa e que se encaixe no mercado de trabalho para desenvolver aquele tipo de habilidade. Diferentemente, trata-se de propiciar-lhe um desenvolvimento multilateral, um desenvolvimento que abarca todos os ângulos da prática produtiva na medida em que ele domina aqueles princípios que estão na base da organização da produção moderna.

#### GRUPO 4

A proposta de educação política se insere na perspectiva da formação integral do estudante. No entanto, Saviani chama atenção para o fato de ser

(...) necessário ultrapassar certas concepções que, embora estejam na moda e pareçam muito progressistas, precisam ser submetidas à crítica. Uma delas é, por exemplo, a questão da interdisciplinaridade.

Em certos momentos, acreditava-se que, pela via da interdisciplinaridade se iria superar a fragmentação do conhecimento, mas é preciso ter presente que a noção de interdisciplinaridade pode conter o risco apenas de uma justaposição. A própria noção, de certa forma, envolve o pressuposto da fragmentação. Com efeito, parte-se do entendimento que os conhecimentos são fragmentados e cada um tem uma especialidade. Se reúnem diferentes profissionais, supondo com isso superar o problema, já estou pressupondo uma perspectiva parcial do conhecimento, contendo a ideia do especialista e do não-especialista. Por exemplo, se se reúnem quatro professores sendo um da área de filosofia, outro da sociologia, o terceiro da área de biologia e o último da geografia para fazer um trabalho interdisciplinar e se uma questão em pauta é identificada como sendo de ordem filosófica, geralmente todos se voltam para o representante da área de filosofia. Ele é quem tem de dizer como o problema se esclarece porque é especialista na área; os outros não são especialistas. Quando o problema é relativo à Biologia, todos os demais se voltam para o biólogo, porque ele vai dizer como a questão se equaciona da perspectiva da Biologia. Então, as diferentes perspectivas continuam fragmentadas, autônomas, e apenas se justapõem no trato dessa ou daquela questão.

Qual a implicação do que foi exposto? Se, por exemplo, se pensa nesses termos o currículo num ensino que visa a assumir o caráter político, tomam-se, digamos, as matérias básicas como as ciências naturais, sejam consideradas globalmente ou nas suas diferentes disciplinas - física,

química, biologia, etc.. Faz-se o mesmo com as ciências sociais: história, geografia, sociologia, psicologia, etc. Diante desse quadro, chama-se um professor de geografia, um de história, um de física, um de química, um de biologia, de modo que cada um dê a sua contribuição para que a ideia de politecnia se realize. E como fica a questão da prática? Nesse caso, chama-se o técnico de laboratório ou o enfermeiro e ele põe sua experiência a serviço do novo educando. Por esse caminho, a ideia própria da politecnia não está sendo realizada. É até admissível que em certos contextos se aja assim, à medida que não se tenha condições para avançar mais.

No entanto, é importante ter claro que são duas coisas distintas, o que significa que não se pode tomar o exemplo mencionado como característico do sentido da politecnia. Se tomo o trabalho como a referência, e, portanto, a questão é entender como o trabalho está organizado hoje, a intervenção da história, da geografia, dos diferentes elementos considerados necessários, teria que se dar como aprofundamento da compreensão do objeto, ou seja, como se constitui o trabalho na sociedade moderna, quais são as suas características e por que ele assume estas características e não outras. E uma tarefa como essa não necessariamente seria desenvolvida pelos professores de cada uma das disciplinas incluídas no currículo. E, na hipótese de isto acontecer, esses profissionais teriam de se imbuir do sentido da politecnia e pensar globalmente a questão do trabalho, explicando historicamente, geograficamente, este mesmo fenômeno.

#### Orientações para a dinâmica “Painel Integrado”

1. Os participantes são divididos em 4 grupos. Cada grupo recebe um trecho do texto para leitura.
2. Após a leitura e discussão dos trechos, os grupos iniciais são divididos e originam novos grupos. Cada novo grupo deve conter 1 representante de cada trecho inicial do texto.
3. Composto o novo grupo, os participantes socializam suas leituras a fim de construírem uma visão geral sobre o tema em estudo. Para facilitar o processo, o grupo terá que responder as seguintes questões:
  - O que é Politecnia? O que você entendeu por “educação politécnica”?
  - O que o autor quis dizer com “trabalho como princípio educativo”? Dê um exemplo do ou de como uma atividade pedagógica norteada por esse princípio.
4. Após a reflexão os grupos socializam suas “sínteses”.